UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS – CCSA DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO

ANNA KARLA NEVES OLIVEIRA

CASO VITÓRIA E SENSACIONALISMO NA TV: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO CIDADE ALERTA

CAMPINA GRANDE- PB 2025

ANNA KARLA NEVES OLIVEIRA

CASO VITÓRIA E SENSACIONALISMO NA TV: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO CIDADE ALERTA

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de Concentração: Teoria e Análise Comunicacionais

Orientadora: Prof. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra

CAMPINA GRANDE- PB 2025

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48c Oliveira, Anna Karla Neves.

Caso vitória e sensacionalismo na tv: uma análise da cobertura do cidade alerta [manuscrito] / Anna Karla Neves Oliveira. - 2025.

25 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra, Departamento de Comunicação Social - CCSA".

1. Jornalismo policial. 2. Ética profissional. 3. Sensacionalismo. 4. Cidade alerta. I. Título

21. ed. CDD 070.4

Elaborada por Hellys Patricia Morais de Sousa - CRB - 15/361 BSCCSA

ANNA KARLA NEVES OLIVEIRA

CASO VITÓRIA E SENSACIONALISMO NA TV: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO CIDADE ALERTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Jornalismo

Aprovada em: 09/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Ada Kesea Guedes Bezerra** (***.398.594-**), em **17/06/2025 10:01:29** com chave **2f65422a4b7b11f08bde06adb0a3afce**.
- **Leandro Braúlio Nascimento Nóbrega** (***.727.604-**), em **17/06/2025 10:00:30** com chave **0c0a28cc4b7b11f0979c06adb0a3afce**.
- **Verônica Almeida de Oliveira Lima** (***.376.064-**), em **18/06/2025 08:44:17** com chave **90f0846e4c3911f0b9f106adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.
Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final
Data da Emissão: 25/06/2025
Código de Autenticação: 7b915a

"Dedico este trabalho à minha mãe, Ana Paula. *Foi ela quem me sustentou durante toda essa caminhada, em todos os sentidos. Foi por ela que consegui chegar até aqui. E, mesmo partindo pouco antes do fim, tudo que sou e tudo que conquistei carrego com o amor e a força que ela me deu. Terminar este trabalho sem ela ao meu lado dói, mas é por ela que sigo. Com saudade, com gratidão e com todo o meu amor."*

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO.....6**
2. **ÉTICA, RESPONSABILIDADE SOCIAL E A PRÁTICA JORNALÍSTICA COMO MEIO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS.....7**
3. **O SENSACIONALISMO E SEUS RECURSOS.....9**
4. **SENSACIONALISMO NA TV, DO AUGE NOS ANOS 1990 À PERPETUAÇÃO COM O CIDADE ALERTA.....11**
5. **CASO VITÓRIA – UMA ANÁLISE.....13**
6. **CONSIDERAÇÕES FINAIS.....19**

REFERÊNCIAS.....20

CASO VITÓRIA E SENSACIONALISMO NA TV: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO CIDADE ALERTA

Anna Karla Neves Oliveira[1]

RESUMO

Este artigo tem como finalidade analisar como o programa televisivo Cidade Alerta, procedeu durante a cobertura do caso Vitória Regina, jovem que foi sequestrada e morta no mês de fevereiro. A pesquisa busca compreender como elementos sensacionalistas são utilizados na narrativa jornalística do programa e discutir os impactos éticos para a atividade jornalística desse tipo de abordagem na cobertura de tragédias. A partir disso, o estudo visa contribuir para reflexões sobre os limites entre informação e espetáculo na mídia televisiva. Justifica-se a abordagem deste tema pelo fato de que, mesmo sendo amplamente discutido, o sensacionalismo na mídia ainda persiste e evolui com o tempo. O Cidade Alerta segue sendo um dos principais exemplos desse tipo de conteúdo na televisão aberta. A recente cobertura do caso Vitória evidencia a atualidade do tema. A pesquisa é de natureza qualitativa e exploratória, utilizando como método o estudo de caso e tem como recorte empírico três edições do programa, de dias diferentes, a fim de observar padrões e variações na abordagem sensacionalista. Para a fundamentação teórica foram utilizados autores como: Traquina (2004); Thompson (2010); Martino (2014); Borelli (2004); Sampaio (2000); Agrimani (1995); Sousa (2008); Marcondes Filho (1986); Noblat (2002); Jorge (2008); Silva (2006) e Pedroso (2001), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Ética; Jornalismo Policial; Sensacionalismo; Cidade Alerta.

ABSTRACT

This article aims to analyze how the television program Cidade Alerta conducted its coverage of the case of Vitória Regina, a young woman who was kidnapped and killed in February. The research seeks to understand how sensationalist elements are used in the journalistic narrative of the program and to discuss the ethical impacts of this type of approach on journalistic activity in the coverage of tragedies. Based on this, the study aims to contribute to reflections on the limits between information and spectacle in television media. The approach to this topic is justified by the fact that, despite being widely discussed, sensationalism in the media still persists and evolves over time. Cidade Alerta continues to be one of the main examples of this type of content on open television. The recent coverage of the Vitória case highlights the current relevance of the topic. The research is qualitative and exploratory in nature, using the case study method and has as an empirical focus three editions of the program, on different days, in order to observe patterns and variations in the sensationalist approach. The theoretical basis used authors such as: Traquina (2004); Thompson (2010); Martino (2014); Borelli (2004); Sampaio (2000); Agrimani (1995); Sousa (2008); Marcondes Filho (1986); Noblat (2002); Jorge (2008); Silva (2006) and Pedroso (2001), among others.

KEYWORDS: Ethics; Police Journalism; Sensationalism; Alert City.

[1] Graduando do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: anna96karla@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O que se convencionou chamar de sensacionalismo na prática jornalística não é algo atual, pelo contrário, a literatura mostra o quanto esse formato tem sido utilizado nas formas de noticiar e reportar os fatos ao longo da história do próprio fazer jornalístico. Para entender melhor como esse formato de cobertura se popularizou, é interessante retomar brevemente a história do surgimento dos *faits divers.* A imprensa tinha como assuntos principais aqueles relacionados a política e economia e isso não atraia o grande público. Com a expansão das cidades e a industrialização dos meios de comunicação, a busca por um público mais diversificado fez surgir uma forma de narrativa de assuntos do cotidiano capazes de atrair a atenção das massas, eram os chamado *faits divers,* fatos diversos que fogem do comum.

É na construção desse tipo de narrativa que o exagero foi ganhando espaço, que como bem citou Guimarães (2014, p. 104), trata-se de abordagem de assuntos "sem critério, que vão de crimes a suicídios, acidentes a acontecimentos fantásticos, em uma longa enumeração de temas. O que os une é a representação da prática desviante que, justamente por romper com as normas sociais" atrai a curiosidade de uma gama variada de pessoas. Já em meados do século XIX, tal prática foi sendo usada de forma sistemática no Brasil, fazendo com que o sensacionalismo se expressasse livremente, pois é nesse tipo de narrativa que o drama ganha espaço de visibilidade do trágico. (Guimarães, 2014).

É em nome desse tipo de construção narrativa e busca por público que a ética no jornalismo, um princípio fundamental que norteia o compromisso do profissional da comunicação com a verdade, a responsabilidade social e a imparcialidade na produção de notícias vai sendo colocada em segundo plano.

Em um cenário em que a informação é considerada um bem social, o jornalista tem o dever de atuar de forma transparente e responsável, evitando distorções que comprometam a formação da opinião pública. No entanto, esse ideal se vê ameaçado por práticas que colocam em segundo plano os preceitos éticos, como a manipulação de manchetes, a espetacularização de fatos e a busca desenfreada por audiência.

Da imprensa escrita, passando pelas narrativas burlescas e exageradas do rádio e deste para o cenário da televisão, as notícias narradas com apelo sensacionalistas se tornaram recorrentes usando de cada mídia os recursos que ofereciam para a promoção do exagero e da espetacularização do trágico, do crime, do desvio, do exótico, do drama ou mesmo do cômico.

O sensacionalismo, presente em diversos formatos midiáticos, representa um dos principais desvios da ética jornalística. O uso recorrente de recursos apelativos transforma a notícia em espetáculo, o que contribui para a desinformação e reforça estigmas sociais. Ao distorcer ou exagerar elementos da realidade, esse tipo de abordagem compromete o papel social da imprensa e fragiliza o vínculo de confiança com o público. Este trabalho propõe uma análise crítica sobre essas práticas, destacando seus impactos sociais e discutindo os limites entre informar e manipular no contexto do jornalismo contemporâneo.

Justifica-se tal estudo, apesar dos tantos já desenvolvidos sobre o assunto, pela visão crítica de um programa veiculado em rede de tv aberta e já consolidado em termos de audiência, como um alerta a postura jornalística e a ausência de ética por parte do programa. Também se justifica como forma de registro de leitura para futuros profissionais de imprensa.

O objetivo é analisar as estratégias narrativas e recursos sensacionalistas presentes na cobertura policial de casos trágicos veiculados na televisão brasileira tendo como exemplo um programa em específico. Neste estudo, busca-se identificar as técnicas utilizadas sobretudo em programas de TV, com foco na exploração emocional, repetição de imagens e construção de uma narrativa dramatizada. O objeto de estudo é o programa *Cidade Alerta*, mais propriamente

sua cobertura televisiva do caso Vitória Regina, que teve início em 28 de fevereiro de 2025, com o desaparecimento da moça, e segue até os dias atuais, sendo acompanhado em seus desdobramentos.

Como arcabouço teórico, serviram de aporte autores que discutem comunicação, mídia, sensacionalismo e práticas jornalísticas, tais como Guimarães (2014), Agrimani (1995), Traquina (2004), Alfredo Vizeu (2003), Thompson (2010), Martino (2014), Borelli (2004), Sousa (2008), Marcondes Filho (1986), Noblat (2002), Jorge (2008), Silva (2006) e Pedroso (2001). As contribuições desses autores fornecem a base conceitual necessária para compreender a lógica do espetáculo e da dramatização que atravessam programas do gênero policialesco.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, com o Estudo de Caso como método de abordagem. Segundo Triviños (1987), o Estudo de Caso "é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente". O autor reforça que essa metodologia permite ao pesquisador refletir criticamente sobre eventos específicos, conduzindo à proposição de ações ou análises transformadoras. Para ele, trata-se de um dos tipos mais relevantes de pesquisa qualitativa, por permitir um olhar detalhado e contextualizado do fenômeno investigado.

O recorte empírico adotado neste estudo consiste em três dias distintos de cobertura do programa *Cidade Alerta*, selecionados no formato de vídeos disponíveis posteriormente na plataforma YouTube. Embora não apresentem a programação completa do dia, os vídeos analisados são recortes altamente representativos do conteúdo veiculado e das estratégias utilizadas em cada edição. As datas escolhidas para análise foram: 28/02/2025, 04/03/2025 e 18/03/2025.

Ao proceder com a análise prévia e exploratória do programa Cidade Alerta, ficou evidente a recorrência de técnicas claramente sensacionalistas e foi possível estabelecer categorias de recursos, os quais nomeamos, a partir da literatura estudada, de: 1. Narrativa novelesca; 2. Teatralização na narrativa; 3. Falas repetitivas; 4. Imagens repetitivas; 5. Música e uso de sons estratégicos; 6. Espetacularização da dor e da intimidade alheia; 7. Recorrência e interrupção ao repórter; 8. Emissão de opinião e interpelação à opinião do telespectador; e 9. Caráter especulativo da cobertura.

2. ÉTICA, RESPONSABILIDADE SOCIAL E A PRÁTICA JORNALÍSTICA COMO MEIO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS

A ética, no sentido geral, é o conjunto de princípios ligados as ações morais de um indivíduo ou sociedade. Em qualquer atividade cotidiana que o ser humano exerça, a ética será colocada em prática a partir de regras que direcionam o profissional. No jornalismo, o código de ética do jornalista[1] deve servir de base para que não haja manipulações sociais no processo de formações de opiniões, assim garantindo que o jornalismo sirva como um bem comum desempenhando seu papel de informar e mantendo sua responsabilidade social.

Considerando a informação enquanto bem social, como definira Vizeu, (2003 p. 5), trata-se de "um serviço público", no qual "empresas jornalísticas e jornalistas devem prestar contas à sociedade do que fazem, como fazem e porque fazem. Essa relação estabelece um elo forte entre a ética e os meios de comunicação social". Para Traquina (2004, p.47) "os jornais

[1] https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf

eram vistos como um meio de exprimir as queixas e injustiças individuais e como uma forma de assegurar a proteção contra a tirania insensível".

É certo que o jornalismo para alguns se apresenta sob esse estatuto da verdade, ou seja, o que sai na tv ou se publica no site ou blog de notícias é o reflexo total da realidade, mas é preciso pensar como o fazer jornalístico perpassa a visão de mundo de quem o faz. Jornalistas são pessoas com opiniões e subjetividades e isso se reflete nas matérias que produzem.

A discussão sobre objetividade rende muito debate, mas uma coisa é certa: sabe-se que é impossível que o sujeito jornalista consiga se despir de toda a sua vivência, experiências pessoais ou visão de mundo na hora de cobrir um fato. Contudo, mesmo cientes de que a teoria do espelho já fora superada, grande parte do público recebe as informações sem julgar ou perceber tendenciosidades e/ou recursos que visam muito mais o aumento da audiência.

A chegada da internet no Brasil em 1988 anunciava um novo tempo e com sua popularização ao longo das décadas seguintes, a comunicação passou a enfrentar desafios e foi mudando a forma que essas notícias eram produzidas, consumidas e distribuídas. A partir dos anos 2000 a oferta de conteúdos diversificados via internet começou a ficar incessante, o que acentuou ainda mais a busca por audiência na tv, o engajamento nas redes e possibilidades de convergência midiática.

Estas são formas legítimas de manutenção ou reorganização de seus modelos de negócios enquanto meios de comunicação em tempos de convergência digital, e, portanto, não ferem a ética ou qualidade do trabalho jornalístico. O que se questiona aqui são outras dinâmicas como a adoção de manchetes exageradas, que apelam ao emocional da sociedade, a supervalorização do jornalista e de sua opinião em detrimento de uma cobertura criteriosa dos fatos e o uso de diferentes recursos claramente sensacionalistas. Isso faz com que muitos telespectadores, por um lado, assimilem sentidos que moldam comportamentos, ações e visões distorcidas dos fatos.

> A disciplina é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade. É o poder de individualização que tem o exame como instrumento fundamental. O exame é a vigilância permanente, classificatória, que permite distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los e, por conseguinte, utilizá-los ao máximo. Através do exame, a individualidade torna-se elemento pertinente ao exercício do poder (Foucault, 2001, p. 47).

O exame, descrito por Foucault (2001), é aplicado a um contexto mais amplo sendo uma análise individual que classifica, julga e mede cada indivíduo. Essa prática, resulta em uma forma de poder que molda as pessoas, divide-os por classe e os utiliza de maneira eficiente para finalidades próprias. Tal noção de poder, pode ser apreendida nesse caso, como a imprensa, pois ela cria representações da realidade e influencia como pessoas devem pensar sobre determinados temas. Além disso, deixa de ser algo centralizado e visível e passa a operar de maneira mais sutil, diária e contínua. Esse processo de controle compromete a responsabilidade social e atinge a ética se pensarmos na lógica dos meios da imprensa.

Aqui se faz importante mencionar que um discurso repedido, reforçado constantemente sobre algo na esfera pública pode produzir sentidos que passam a ser compartilhados coletivamente. É aí onde reside o perigo do sensacionalismo, pois conforme Martino (2014, p. 91), a responsabilidade do que é noticiado, "quando um tema é lançado na esfera pública ele tende a ganhar visibilidade, pode ser objeto de discussões e, eventualmente, levar à tomada de decisões". Uma prova disso são os casos de reação da opinião pública tanto em manifestações em redes sociais, como de forma presencial.

Discutir fatos que interessam a sociedade é importante e necessário, contudo, há o outro lado a ser considerado, que é quando a tomada de decisão parte de ações inflamadas, exageradas culminando em gestos de violência, imprudência ou injustiça, como casos de linchamento. No Brasil, alguns destes entraram para a história como, por exemplo, *O caso Escola Base*, ocorrido em 1994 em São Paulo, caso marcante de injustiça motivada por julgamentos precipitados quando acusações infundadas de abuso sexual contra crianças destruíram a vida dos donos e funcionários de uma escola, antes mesmo de qualquer investigação conclusiva.

Nesse caso, a mídia, a polícia e a sociedade agiram de forma impulsiva, condenando os acusados sem provas. Posteriormente, a inocência deles foi comprovada, mas o dano já era irreparável. Esse episódio evidencia como a sociedade, muitas vezes, tenta fazer justiça com as próprias mãos, seja por meio da violência física ou do linchamento moral, principalmente nas redes sociais. Tal comportamento, impulsionado por emoções e desinformação, ameaça os princípios do devido processo legal e expõe o risco de se punir inocentes.

Vale destacar que todo o sentimento de indignação, comoção pública e clamor derivouse da cobertura ostensiva, falha e sensacionalista da imprensa na época como bem mostrou Alex Ribeiro em seu livro *Caso Escola Base – Os abusos da Imprensa*. O caso reforça a importância da responsabilidade na apuração de crimes e da prudência antes de qualquer condenação pública.

Pensar em como os fatos apresentados pela imprensa podem repercutir na malha social remete a necessidade de compreensão de que o jornalismo é capaz de produzir sentidos que adentram o imaginário coletivo. Essa produção acontece porque a mídia não consegue mostrar o real em sua totalidade e menos ainda de forma neutra. O que vemos, assistimos e consumimos como notícia, reportagem, etc, é um discurso recortado da realidade e enunciado de uma determinada forma. Nesse processo de enunciação entram subjetividades capazes de construir sentidos.

Borelli (2004, p. 8) assim define tal elaboração: "o trabalho de construção realizado pelas mídias está impregnado de subjetividade, seja na escolha do ângulo da foto, seleção das fontes, opção por determinadas vozes e citações e não outras, hierarquização dos assuntos por página, etc." A autora cita Sampaio (2000, p. 35) que acrescenta: "a comunicação mediática constitui, para o público, uma possibilidade adicional de reorientação de seus conceitos e práticas".

De fato, a forma como a enunciação é feita, sentimentos, ideias, posicionamento são algumas das reações que o público tem em resposta ao que foi enunciado. Esse processo é uma forma de sentido que o discurso midiático construiu junto a sociedade. Assim, se pensarmos o formato de uma cobertura sensacionalista, muito claramente conseguimos identificar quais sentidos e reordenação do imaginário coletivo, se pretende estabelecer.

3. O SENSACIONALISMO E SEUS RECURSOS

As formas de se apresentar uma notícia, ou seja, abordar um fato social para o público seguem algumas técnicas, contudo, os formatos e diferentes meios de comunicação possibilitam liberdades no fazer jornalístico. Dentre a variedade de recursos e a partir de certos objetivos do jornalista e do seu veículo, estão algumas técnicas que se convencionou chamar de sensacionalismo. Para Gomes (1997) "sensacionalismo é distorcer os fatos mediante a acentuação de aspectos que provocam reações emocionais e não racionais".

Já Agrimani (1995), conhecido por definir o sensacionalismo, apresenta uma série de recursos que favorecem esse tipo de abordagem dos fatos. De acordo com o autor, sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que em outras circunstâncias editoriais não mereceria este tratamento, outra visão que Angrimani (1995) traz em seu livro

Espreme que sai sangue, é de que esse termo "sensacional" já vem enraizado no mundo há anos. Segundo ele, não há uma data específica para afirmar quando o sensacionalismo se estabeleceu na imprensa. Ele acredita que tais características estão presentes nos jornais desde o seu começo. Segundo Sousa (2008, p. 80), entre os anos 1560 e 1631, circulavam na França os periódicos *Nouvelles Ordinaires* e *Gazette de France*, "trazendo o *fait divers* fantástico e notícias sensacionais" (Agrimani, 1995, p. 19).

Ou seja, o sensacionalismo não é um fenômeno exclusivo da era moderna ou restrito a determinados períodos, mas sim uma característica que se consolidou na prática jornalística desde os primeiros tempos dos meios de comunicação. Posto isso, Angrimani (1995) traz uma série de características para afirmar que, o sensacionalismo não se limita apenas à forma como uma informação é levada ao público, mas também ao conjunto delas. A utilização de manchetes exageradas que não condizem com o real conteúdo da matéria, linguagens apelativas e repetições de informações são apenas alguns dos recursos. No mais, a construção dessa narrativa, já está infiltrada nas rotinas jornalísticas e por vezes travestidas de "linguagem popular".

> O sensacionalismo está presente também na linguagem coloquial exagerada, na produção de noticiário que extrapola o real, no tratamento antianódino do fato, na produção de uma nova notícia que a partir daí passa a se vender por si mesma, na exploração do vulgar, no destaque a elementos insignificantes [...] na valorização de conteúdos ou temáticas isoladas [...] e sem contextualização político-econômica-social-cultural (Agrimani, 1995, p.102).

Essa prática, que visa a busca por audiência, priva os telespectadores de analisar e compreender a importância da informação construtiva e formativa. Assim como faz surgir discussões sobre o que é o jornalismo sério e o que é espetacularização. Nesse sentido, vale lembrar que o sensacionalismo nem sempre é apresentado como um espetáculo, ele pode estar fundamentado em uma política parcial, na opinião guiada pelo jornalista. Angrimani, (1995) afirma que "mesmo um telejornal (ou radiojornal) não-sensacionalista pode ter momentos de produção sensacionalista". Isso mostra que veículos designados como "sérios" também estão passíveis de erros.

Ou seja, o trato é focado em captar e manter audiência. No que se refere ao tempo da televisão, isso é primordial, pois é a preservação da audiência diante da programação pelo máximo de tempo que sustenta a manutenção do programa na grade.

Segundo Marcondes Filho (1989, p. 66) "sensacionalismo é apenas o grau mais radical de mercantilização da informação: tudo o que se vende é aparência". Deste modo, o autor referese a ideia de que o real conteúdo dos noticiários é inferior ao impacto dela, tornando-se prioridade o que é vendido, nesse caso: a aparência, a audiência. Tomando a informação assim tratada como mercadoria, o sensacionalismo contribui para a banalização do debate público e a superficialização das questões sociais e políticas, isso opõe-se ao que Habermas (1962) defende em sua teoria ao falar que a esfera pública é o espaço livre para discutir indagações comuns, sem a interferência de interesses privados ou estatais.

Pensando por essa lógica e considerando a afirmação de Noblat (2002) de que um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo, é possível afirmar que sensacionalizar é algo duplamente danoso ao bom jornalismo. Primeiro porque trata a informação na superficialidade, fazendo com que o público se distraia e desenvolva uma postura menos analítica diante dos fatos apresentados, e segundo, pela negligência ao tratar as informações, a ponto de causar a desinformação do público.

> Quando a notícia deixa de ser o relato e passa a ser a maneira, ou a roupagem com que é apresentada – rápida, sem apuração rigorosa, feérica, fantasiosa,

> vestida para chocar, exagerada, apelando para as sensações, o assombro, a admiração ou a repulsão do consumidor -, deixa de ser notícia, falseando a imagem da realidade. Ressalta-se nuances de poucas relevâncias, apenas garantidores de emoções, e contribui-se para reforçar mitos e crendices (Jorge, 2008, p. 78).

Seguindo esse raciocínio, crimes e situações extremas têm um forte apelo emocional e os aspectos mais chocantes geram reações. Isso perpetua um ciclo de medo, revolta e estigmatização dificultando uma abordagem mais eficaz para a redução da violência, uma vez que as pessoas podem acreditar somente no que veem, sem julgamento aprofundado. Silva (2006, p. 85) concorda com esta ideia ao explicar que "a narrativa sensacional delega sensações por procuração, porque o reconhecimento dos papéis sociais no noticiário torna o mundo da contravenção subjetivamente real para o leitor".

Além do mais, é preciso considerar o que Pedroso (2001) aponta em sua assertiva de que na narrativa sensacional o telespectador satisfaz seus desejos através de tragédias e acontecimentos violentos, o que é contraditório, mas ao mesmo tempo compreensível, pelo alento que causa. O discurso de figuras como apresentadores e comentaristas que clamam aos gritos por justiça atende aos sentimentos despertados pelo seu próprio discurso espetacularizado da dor e da tragédia do outro. O público por sua vez sente-se atraído pelo fato trágico, aliviado por ser com o outro e não consigo e ainda por ver sua indignação representada pelo discurso agressivo do próprio apresentador em sua performance.

> O jornalismo sensacionalista, pela maneira própria de engendramento discursivo, estrutura, representa e permite o acesso ao mundo da liberdade pela exploração dos temas agressivos, homicidas e aventureiros, que não podendo realizar-se na vida cotidiana, submetida à lei e à censura, tendem a realizar-se, projetivamente, na leitura. Isto é, na realização da construção (Pedroso, 2001, p. 49).

Uma performance que, na televisão, vale destacar, se utiliza de recursos muito facilmente reconhecidos como teatralização, encenação, repetição exaustiva das informações mais chocantes, recursos sonoros altos e repetitivos, interpelação do público, comentários com julgamento de valor e até encenação cômica do trágico. Na história da tv brasileira há um verdadeiro legado deixado de programas e apresentadores que se destacaram por décadas. É o que contempla o próximo tópico.

4. SENSACIONALISMO DA TV, DO AUGE NOS ANOS 1990 À PERPETUAÇÃO DO CIDADE ALERTA

Desde os anos 1990, a televisão brasileira viu surgir uma geração de apresentadores que seriam eternizados justamente por essa estética exagerada. Programas policiais ganharam força e se tornaram verdadeiros fenômenos populares que passou a fazer escola e influenciar diversos apresentadores de tv da contemporaneidade. Contudo, alguns nomes surgem antes mesmo desta década.

É o caso de Jacinto Figueira Júnior, conhecido como *O homem do sapato branco,* é considerado o pioneiro do jornalismo policial e trouxe a experiência do rádio para a tv Globo ainda na década de 60, mas foi a partir dos anos 80 que o programa passa a ser transmitido com maior duração e grande carga apelativa em emissoras como SBT, Bandeirantes e Record.

Luiz Carlos Alborghetti ficou conhecido por apresentar com tom inflamado programas policiais, principalmente o "Cadeia Nacional", transmitido na televisão em 1992 pela Rede OM de Televisão, em seu quadro de afiliadas da TV Gazeta de São Paulo, e posteriormente, o *Cadeia sem Censura*, que passou a ser veiculado em 2006 pela Rede Intervalo de Comunicação, situada em Curitiba, e posteriormente pela internet. Ele ficou famoso pelo seu estilo agressivo, frases polêmicas e uso de objetos como toalhas e um porrete durante as transmissões.

Também se destaca José Luiz Datena, que ganhou notoriedade comandando programas policiais como: *Repórter Cidadão*, *Brasil Urgente* e o *Cidade Alerta*. Este último, inclusive, segue no ar até os dias atuais, demonstrando como o formato policialesco permanece atrativo para o público brasileiro. Demonstrando ser uma marca da programação televisiva do país, que faz tanto sucesso, que chegam a permanecer por décadas na grade de programação das emissoras.

O programa *Cidade Alerta* é um exemplo tangível que ganhou grande popularidade por seu formato dinâmico e, muitas vezes, sensacionalista, destacando-se por apresentar casos policiais de grande repercussão e notícias de última hora.

A primeira fase do programa, que teve estreia em 8 de janeiro de 1996, permaneceu no ar até 2 de junho de 2005. Inicialmente, o programa foi apresentado por Ney Gonçalves Dias. Em 1997, a apresentação passou a ser conduzida por João Leite Neto e no ano seguinte, em 1998, Gilberto Barros assumiu o comando, nesse mesmo ano, passou a ser apresentado por José Luiz Datena e Ulisses Rocha nas edições de sábado. Ambos permaneceram na apresentação até 21 de junho de 2003 e no dia 1º de março de 2004 Marcelo Rezende assumiu o comando do programa que saiu do ar em 2005.

Já chegando em sua segunda fase, no dia 20 de junho de 2011, o *Cidade Alerta* retorna com força sob o comando de Luiz Datena. Segundo dados do IBOPE, "a estreia obteve 10,3 pontos de audiência, com picos de 16, garantindo a vice-liderança no horário, enquanto seu concorrente *Brasil Urgente* registrou apenas 2,3 pontos".[2] Dias depois, Datena deixou a apresentação, e o programa passou a ser comandado por diferentes apresentadores.

Em 12 de setembro de 2011, foi ao ar a última edição do programa após uma breve interrupção, ali iniciaria sua terceira fase, que foi marcada por algumas mudanças, voltando ao ar no dia 04 de junho de 2012 com o apresentador e jornalista Marcelo Rezende e exibido apenas para o estado de São Paulo. Só em janeiro de 2013 passou a ser transmitido novamente para todo o Brasil pela Rede Record.

Em 5 de maio de 2017 o programa passa para sua quarta fase com o jornalista Luiz Bacci como apresentador e no dia 28 de setembro de 2020, o programa passa a ser exibido com novo cenário, além de vinheta e grafismos atualizados, em sintonia com as mudanças visuais do *Balanço Geral.* Em 17 de janeiro de 2025, Luiz Bacci deixou a apresentação do programa após anunciar sua saída da Record para se dedicar a projetos na internet. Reinaldo Gottino, que já atuava como apresentador eventual, assumiu oficialmente o comando da atração. Com sua fórmula voltada para o sensacionalismo, o *Cidade Alerta* continua sendo uma das produções mais assistidas da Record TV, mantendo uma base fiel de telespectadores e sendo um reflexo do interesse do público por notícias impactantes, principalmente na área policial.

Exibido atualmente no horário das 16h30min, ainda sob a tutela do apresentador Reinaldo Gottino, o programa é polêmico e apesar da audiência, as críticas aos seus métodos de cobertura dos fatos são constantes. Um caso emblemático ocorreu durante uma cobertura ao vivo, quando em fevereiro de 2020, a emissora acompanhou por uns dias o desaparecimento da jovem chamada Marcela, natural de Guarulhos, de 20 anos e que estava grávida. Na edição do dia 17 o então apresentador Luiz Bacci entrou ao vivo com Andrea, mãe da vítima, que ainda nutria a

[2] https://televisao-brasileira.fandom.com/pt-br/wiki/Cidade_Alerta

esperança de encontrar a filha com vida, entretanto, durante a transmissão foi revelado que Marcela havia sido assassinada. Ao receber a notícia, a mãe da vítima entrou em estado de choque e caiu ao chão, visivelmente abalada. A transmissão ao vivo, realizada diretamente de sua residência, foi imediatamente interrompida.

A abordagem adotada pelo programa foi amplamente criticada e considerada sensacionalista, gerando forte repercussão entre jornalistas e telespectadores. Na internet, muitas pessoas criticaram a exposição desnecessária do sofrimento da família e a espetacularização do caso. Além disso, esse tipo de abordagem não é um incidente isolado. Pelo contrário, condutas duvidosas que desrespeitam tanto a ética jornalística quanto a violação de direitos são recorrentes em diversas outras ocasiões ao longo de sua programação.

Em 2020 a Record TV foi condenada a indenizar em R$ 50 mil um homem que havia sido acusado, de forma indevida, de estuprar e matar a enteada de dois anos durante a reportagem. Na época, o apresentador do programa, Luiz Bacci, se referiu ao suspeito como "monstro" e "padrasto cruel", mesmo antes de qualquer comprovação judicial. Por ser fato ainda em investigação, a emissora incorreu no que o direito prevê como desrespeito à presunção da inocência.

Casos como esses não são raros ou temporários, mas sim uma característica consolidada do programa, que segue recorrendo a esse tipo de cobertura para garantir a atenção do público. Estratégia que tem se mostrado eficaz na atração de uma grande audiência por aproximadamente 29 anos. Essa longevidade, embora indicativa da eficácia da estratégia em termos de atratividade e popularidade, também coloca em evidência os riscos e os danos que podem ser gerados por uma cobertura irresponsável e superficial.

Essa continuidade na estratégia sensacionalista fica ainda mais evidente em casos como o da jovem Vitória Regina, que teve sua tragédia amplamente divulgada pelo *Cidade Alerta* a partir de 28 de fevereiro e continua sendo pauta até hoje, com o programa ainda acompanhando e cobrindo os desdobramentos do caso. O tratamento dado a esse caso reflete perfeitamente os riscos e danos mencionados, já que, mais uma vez, a busca pela audiência parece ter se sobreposto à responsabilidade jornalística.

5. CASO VITÓRIA - UMA ANÁLISE

O caso que tomamos para análise é o da cobertura do Programa *Cidade Alerta* do desaparecimento e homicídio de Vitória Regina de Sousa, jovem de 17 anos, então residente no bairro Ponunduva, em Cajamar, município da região metropolitana de São Paulo. Para melhor compreensão se faz necessário relatar brevemente o caso.

Vitória desapareceu no dia 26 de fevereiro de 2025 logo após encerrar seu expediente em um shopping da região. Ela deixou o trabalho e dirigiu-se até um ponto de ônibus onde encontrou uma amiga. De acordo com relatos dessa testemunha, Vitória apresentava um comportamento estranho e aparentava nervosismo. Mais tarde, foi confirmado que, naquele momento, ela trocou mensagens com outra amiga, nas quais demonstrava medo e informava estar sendo seguida por dois homens.

Ainda naquela noite, por volta da meia-noite, Vitória subiu em um ônibus acompanhada por um dos indivíduos suspeitos. Durante o trajeto, tentou contato com seu ex-namorado, Gustavo Vinicius, pedindo uma carona. A mensagem, no entanto, não foi respondida. Ao descer do ônibus ela seguiu sozinha por uma estrada de terra, mal iluminada, em direção à sua residência. Desde então não foi mais vista.

Após sete dias de procura, mais precisamente no dia 5 de março, o corpo da jovem foi encontrado em uma área de mata às margens da estrada Francisco Missé, via que liga Cajamar ao município de Jundiaí. O corpo foi localizado a cerca de cinco quilômetros de sua residência

e a aproximadamente vinte metros mata adentro. Ela já se encontrava em estado avançado de decomposição e apresentava evidentes sinais de violência. Segundo relato de um policial presente nas buscas, a vítima estava com a cabeça raspada e despida, o que indica que foi um crime brutal.[3]

Até o presente momento, Maicol, de 26 anos, está preso desde 8 de março, acusado de matar Vitória, com quem teria tido um relacionamento anterior. Ele confessou o crime em vídeo gravado na delegacia alegando que a vítima ameaçava contar à sua esposa sobre a traição. Segundo versão de Maicol, ele deu carona à jovem e após uma discussão em que ela o teria agredido, a esfaqueou com golpes no rosto, pescoço e tórax. Depois de algumas investigações, laudos periciais do Instituto Médico Legal (IML) confirmaram, por meio de exames de DNA, que o sangue encontrado no carro e na casa de Maicol era de Vitória, reforçando a acusação. No mais, a tragédia de Vitória Regina de Sousa permanece em apuração, sendo acompanhada com atenção pela sociedade civil e pelos órgãos de justiça.

De fato, casos como este despertam a atenção do público e merece atenção midiática, contudo, a forma como o programa em questão aborda mostra claramente características típicas de uma abordagem sensacionalista. Nesse sentido, considerando a literatura que abaliza esse estudo e definições de autores como Marcondes Filho (1986); Agrimani (1995); Guimarães (2025); Pedroso (2001), dentre outros, estabelecemos nove categorias para a análise da cobertura do caso. São elas: 1. Narrativa novelesca; 2. Teatralização na narrativa; 3. Falas repetitivas; 4. Imagens repetitivas; 5. Música e uso de sons estratégicos; 6. Espetacularização da dor e da intimidade alheia; 7. Recorrência e interrupção ao repórter e 8. Emissão de opinião e interpelação a opinião do telespectador; e 9. Caráter especulativo da cobertura.

O recorte usado como material empírico consiste em três vídeos que correspondem a três dias diferentes de cobertura do caso. O primeiro exibido no dia 28 de fevereiro de 2025, com duração de 09 minutos e 41 segundos, que tinha como foco apresentar novas evidências relacionadas ao desaparecimento de Vitória. O conteúdo apresentado centra-se na exibição de imagens de câmeras de segurança, registradas no dia do desaparecimento, que mostram os últimos momentos em que a jovem foi vista. O segundo, transmitido no dia 04 de março de 2025, que trazia como atualização do dia a descoberta de novos áudios atribuídos a Vitória, divulgados como possíveis pistas para ajudar na elucidação do caso. O terceiro vídeo analisado tem duração de aproximadamente 23 minutos, foi exibido pelo Cidade Alerta no dia 18 de março de 2025 e traz um novo desdobramento do caso: o depoimento do principal suspeito, Maicol, a reportagem apresentou trechos da confissão feita à polícia.

Figura 1

[3] https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/sp/caso-vitoria-saiba-quais-foram-os-ultimos-passos-da-jovemhttps://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/sp/caso-vitoria-saiba-quais-foram-os-ultimos-passos-da-jovem-segundo-policia/segundo-policia/

Programa exibido na tv em 28 de fevereiro de 2025
https://youtu.be/zGtAxB_dQ7E?si=IFxfhte7gFxWCKZb

Figura 2

Programa exibido na tv em 4 de março de 2025 https://youtu.be/xCY28-LsqlI?si=AWZ3ygH9MLkflHGb

Figura 3

Programa exibido na tv em 18 de março de 2025 https://youtu.be/cX4bYeTzKT4?si=XHvq4xosVI-T8254

A escolha deste recorte foi aleatória, pois as categorias levantadas são recorrentes em quase todos os programas que procedem esta cobertura. Foi realizada uma observação exploratória de vários outros recortes da programação, mas não ficou evidente nenhuma motivação metodológica para a seleção feita aqui. Em todos eles foram identificadas todas as categorias estabelecidas.

O primeiro vídeo[4] analisado, com parte da cobertura do caso, foi exibido no dia 28 de fevereiro, apenas dois dias após o desaparecimento de Vitória. A manchete era: *"Caso Vitória: novas imagens mostram últimos passos de adolescente desaparecida"*. Desde o início da reportagem, o apresentador destaca que o material exibido é exclusivo, o que já imprime um

[4] https://youtu.be/zGtAxB_dQ7E?si=854F22UnKTjq1aYF

tom sensacionalista, ao enfatizar a primazia da emissora sobre o acesso à informação. Durante o vídeo, são apresentadas imagens que mostram Vitória dirigindo-se ao ponto de ônibus e, posteriormente, embarcando em um coletivo. Ressalta-se que essas imagens são reproduzidas três vezes no intervalo de apenas 1 minuto e 30 segundos, caracterizando uma das estratégias centrais do sensacionalismo televisivo: o uso de imagens repetitivas. Essa repetição contribui para a construção de uma narrativa novelesca, na qual o suspense é reiteradamente reforçado, mantendo o espectador em estado de constante expectativa.

Além disso, observa-se o uso expressivo de efeitos sonoros, que intensificam o impacto emocional da cena e contribuem para a espetacularização do fato. O som é utilizado como recurso para aumentar a tensão, mesmo quando o conteúdo visual é limitado ou pouco informativo, como é o caso em questão. A partir de 1 minuto e 41 segundos da reportagem, novos elementos são introduzidos para intensificar a carga emocional do conteúdo. Prints de conversas extraídas do WhatsApp são exibidos, revelando mensagens trocadas entre Vitória e uma amiga, nas quais a adolescente expressa medo. Este recurso contribui para a construção do suspense enfocando a vulnerabilidade ao explorar aspectos íntimos da vítima, muitas vezes sem o devido cuidado ético com sua privacidade e com o impacto sobre a família.

Em 2 minutos e 22 segundos, as imagens de Vitória dirigindo-se ao ponto de ônibus são reapresentadas, sendo exibidas novamente em duas ocasiões subsequentes. A insistência na repetição dessas imagens configura uma estratégia de fixação visual, que reforça a narrativa novelesca e o apelo emocional do caso, mesmo na ausência de novas informações factuais. Em seguida, o programa intercala o áudio em off do repórter com as mesmas imagens da jovem e os prints das conversas no WhatsApp, reapresentados com a mesma ênfase dramática. É então incluído um áudio enviado por Vitória à amiga, intensificando ainda mais o tom íntimo e emocional da matéria. A narrativa avança com a introdução de imagens da família, em especial de uma irmã da vítima, que concede uma entrevista e chora também. Essa inserção busca gerar empatia no telespectador e, ao mesmo tempo, reforça a dimensão afetiva do drama, o que contribui para a espetacularização da intimidade e do sofrimento alheio.

Retornando ao estúdio, o apresentador reaparece com uma música de fundo tensa, e menciona que há três equipes da emissora mobilizadas no local, evidenciando a magnitude da cobertura e a tentativa de demonstrar comprometimento jornalístico. No entanto, o discurso que se segue sobre Vitória é visivelmente improvisado, enquanto são exibidas imagens de fundo da adolescente, recurso que revela uma possível carência de conteúdo informativo real, compensada pela performance dramática. Aos 08 minutos e 58 segundos, as imagens de Vitória a caminho do ponto de ônibus são mais uma vez retomadas, sendo repetidas por mais duas vezes. O vídeo é encerrado com essa mesma sequência.

Ao todo, em um vídeo com duração de 9 minutos e 41 segundos, as imagens que mostram a adolescente indo em direção ao ponto de ônibus são repetidas sete vezes, evidenciando o uso exaustivo de material visual limitado para manter o espectador emocionalmente engajado, mesmo sem a devida profundidade jornalística. Dessa forma, esse primeiro segmento evidencia ao menos quatro elementos centrais do sensacionalismo televisivo: a repetição exaustiva de imagens, a construção de uma narrativa novelesca, a espetacularização da dor e da intimidade alheia e o uso de recursos sonoros como ferramentas de dramatização.

O segundo trecho[5] do programa analisado refere-se à cobertura exibida no dia 4 de março de 2025, o vídeo selecionado também é extraído do canal youtube do programa, tem duração de 7 minutos e 17 segundos, e foi ao ar quando o caso de Vitória Regina já havia ganhado ampla repercussão nacional. A chamada da reportagem reforça o caráter investigativo e dramático da cobertura, utilizando termos como "buscas em área de mata", "novos áudios de Vitória" e

[5] https://youtu.be/xCY28-LsqlI?si=kTmSOyQgURrN4oSs

"polícia em reunião na delegacia", elementos que já induzem o espectador a uma expectativa de revelações urgentes e exclusivas.

O apresentador anuncia que a repórter trará novidades sobre o caso, destacando que ela acompanha toda a movimentação da polícia. No entanto, antes mesmo de conceder espaço à repórter, ele decide apresentar novos áudios de Vitória. A cobertura, então, intercala imagens de viaturas da polícia realizando buscas em áreas de mata com os áudios da adolescente. No áudio, Vitória relata a uma amiga que um carro passou por ela e que alguém falou, o que imediatamente é interpretado pelo apresentador como um possível indício de envolvimento de suspeitos.

A partir desse momento, observa-se novamente o uso de estratégias como a especulação, o apresentador levanta hipóteses como *"Será que esses são os suspeitos?"*, *"Será que deram a volta?"* ou *"Será que alguém estava esperando?"*, sem que haja qualquer confirmação por parte das autoridades. O recurso do questionamento retórico serve para alimentar a curiosidade do espectador, mesmo na ausência de fatos concretos, isso caracteriza também a emissão de opinião e interpelação a opinião do telespectador. Durante esse trecho, as imagens de Vitória continuam sendo exibidas de forma insistente, utilizando-os como fio condutor da narrativa e como recurso emocional para aproximar o público da vítima, enquanto o apresentador repete que a jovem "só queria voltar para casa", contribuindo para a teatralização do caso e, simultaneamente, prolongando o tempo de tela com conteúdo pouco informativo.

Somente após esse momento a repórter é de fato acionada para participar da cobertura. Ela inicia sua fala mencionando que Vitória era uma jovem comum, e faz um paralelo pessoal com sua própria experiência ao relatar que, quando trabalhava até tarde e estudava, também sentia medo ao caminhar para casa à noite. Esse relato pessoaliza a cobertura, deslocando o foco do caso para uma identificação emocional, e reforça o tom de comoção e empatia com a vítima. A repórter afirma que ouvir a voz de Vitória nos áudios é uma experiência dolorosa, já que ainda não se sabe o que aconteceu com a adolescente, e declara que é uma "dor muito grande se colocar no lugar dela", intensificando o caráter afetivo e subjetivo da reportagem, além de emitir opinião, mesmo que de forma contextualizada pela sua narrativa.

Apesar da carga emocional a repórter segue afirmando que mesmo com o sigilo nas investigações, a equipe de jornalismo consegue cruzar informações com múltiplas fontes para obter "a informação correta, mesmo que não oficial". Essa afirmação levanta questões éticas sobre o uso de informações extraoficiais em coberturas sensíveis e reflete uma prática típica do sensacionalismo: priorizar a exclusividade e o impacto emocional em detrimento do rigor jornalístico.

A repórter ainda revela que a polícia estaria investigando dois suspeitos e que uma testemunha teria ouvido um pedido de socorro, mas não chegou a prestar depoimento oficial. Mesmo diante da fragilidade dessas informações, a repórter afirma que os dados estão "se cruzando" e conclui que "só pode ser ela", referindo-se a Vitória. Essa forma de afirmação, baseada em indícios não confirmados, reforça o caráter especulativo da cobertura. Ela também levanta a possibilidade de que a jovem tenha sido levada por um carro, com base em uma nota da Secretaria de Segurança, embora a reportagem não traga nenhuma confirmação concreta sobre essa hipótese. Ao todo, a repórter ocupa cerca de quatro minutos com esse relato, construindo uma narrativa altamente emocional, marcada pela identificação pessoal, pela sugestão de pistas e pela dramatização contínua.

O terceiro vídeo[6] refere-se à cobertura exibida no dia 18 de março de 2025, com duração de 22 minutos e 45 segundos. Neste ponto da cobertura, a investigação policial do caso já havia avançado significativamente, o corpo da jovem havia sido localizado, sua morte confirmada,

[6] https://youtu.be/cX4bYeTzKT4?si=3KmZLlp0tB4BOATt

suspeitos identificados e o principal acusado, Maicol, já havia confessado o crime. O vídeo analisado tem como chamada principal: *"Cidade Alerta tem acesso ao depoimento da confissão de Maicol"*, destacando mais uma vez o caráter exclusivo da cobertura e a exibição de informações sigilosas como um diferencial competitivo.

O apresentador conduz a reportagem lendo o depoimento de confissão diretamente de seu celular. Essa leitura ocupa os primeiros 7 minutos e 48 segundos do vídeo. Ao longo da leitura, ele realiza diversas pausas estratégicas, nas quais comenta, repete trechos e faz interpretações do conteúdo, reforçando elementos como a *narrativa novelesca*, das *falas repetitivas,* e a *emissão de opinião e interpelação a opinião do telespectador*.

A leitura do depoimento torna-se um verdadeiro roteiro dramático, com interrupções emocionadas, perguntas retóricas e inserção de comentários subjetivos. Durante esse trecho, o apresentador está acompanhado de dois convidados no estúdio: o Comandante Lucca e o comentarista Altair Morais. Ambos participam ativamente da cobertura, emitindo opiniões e levantando hipóteses sobre a possibilidade de Maicol não ter cometido o crime sozinho. A presença dos dois reforça a *emissão de opinião* como prática recorrente no programa, além de criar um ambiente de debate informal, afastando a narrativa do jornalismo informativo e aproximando-a de um formato opinativo e dramatizado.

Na sequência, o apresentador chama o repórter Bernardo, que repete diversas informações já expostas anteriormente, inclusive os mesmos trechos da confissão e as dúvidas sobre as inconsistências do depoimento de Maicol. Esse recurso reforça novamente a estratégia das falas repetitivas, mas também evidencia a recorrência ao repórter como reforço de narrativa. Ao retornar para o apresentador, percebe-se uma mudança proposital na entonação da voz, claramente direcionada à captura da atenção do público. Paralelamente, a música de fundo aumenta de volume, criando um ambiente de tensão, característica da teatralização na narrativa e do uso estratégico de sons e trilhas sonoras.

Mais adiante, o apresentador volta a convocar o repórter para comentar novamente sobre as inconsistências do depoimento, embora o tema já tivesse sido explorado em segmentos anteriores. Bernardo retoma o discurso de maneira intensificada, alimentando especulações e reforçando dúvidas. Essa repetição proposital da pauta e o revezamento entre apresentador e repórter, inclusive com uma pequena interrupção do apresentador durante a fala do jornalista, reforça a interrupção ao repórter como parte da condução sensacionalista. O vídeo inteiro permanece centrado em um único núcleo narrativo, girando em torno da confissão de Maicol, o que demonstra a falta de aprofundamento investigativo, compensada por uma cobertura inflada emocionalmente e com forte apelo dramático.

Em resumo, ao longo dos 22 minutos e 45 segundos de cobertura, o programa realiza uma imersão no depoimento de Maicol que, em vez de esclarecer os fatos de maneira objetiva, transforma o conteúdo em um espetáculo de reencenação simbólica, reforçando suspeitas e incertezas de forma reiterativa. A confissão torna-se, nesse caso, mais um capítulo de uma "novela policial", conduzida com forte carga emocional, especulação e opiniões subjetivas.

Na análise realizada nos três dias diferentes da cobertura do caso, observa-se de forma recorrente a presença das nove características centrais que fundamentam o sensacionalismo praticado na cobertura televisiva do *Cidade Alerta*: (1) a *narrativa novelesca*, que constrói um enredo em capítulos e com personagens quase fictícios; (2) a *teatralização*, presente na performance dos apresentadores e repórteres; (3) o uso de *falas repetitivas*, para reforçar pontos de interesse emocional; (4) as *imagens repetitivas*, que reaparecem mesmo sem novos contextos; (5) o uso de *sons e músicas* que intensificam o drama; (6) a e*spetacularização da dor e da intimidade alheia*, explorando sentimentos como sofrimento, desespero e luto de forma invasiva e dramática; (7) a *recorrência e interrupção dos repórteres*, moldando a narrativa à conveniência do apresentador; e (8) a *emissão de opinião e interpelação do público*, que deslocam a cobertura da objetividade jornalística para o campo da interpretação e julgamento e

(9) *o caráter especulativo da cobertura*, que frequentemente antecipa conclusões sem confirmação oficial, reforçando o viés emocional e tentando forjar a ideia de exclusividade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, foi possível constatar que a cobertura do caso Vitória Regina de Sousa pelo programa *Cidade Alerta* se insere de maneira evidente na lógica do sensacionalismo televisivo. O estudo de caso, fundamentado em três diferentes momentos da cobertura, demonstrou que a narrativa construída pelo telejornal não se baseia unicamente na apresentação objetiva dos fatos, mas sim em uma composição dramatizada, emocional e especulativa dos acontecimentos.

O uso de elementos como a repetição de imagens, trilhas sonoras tensas, falas carregadas de emoção, linguagem opinativa e exposição da intimidade da vítima não apenas caracteriza o sensacionalismo como também evidencia a estratégia de transformar a dor em espetáculo. Essas estratégias, somadas, transformam um caso trágico em um espetáculo midiático, comprometendo o compromisso ético com a vítima, sua família e a audiência, e evidenciam como o sensacionalismo se estrutura na TV aberta como um modelo de entretenimento travestido de jornalismo.

A abordagem utilizada pelo programa contribui para o esvaziamento da dimensão informativa do jornalismo, promovendo antes uma experiência sensorial e emocional do que reflexiva e crítica. A espetacularização da violência, sobretudo envolvendo mulheres jovens vítimas de feminicídio, como no caso de Vitória, reforça um modelo de cobertura que se sustenta no impacto emocional do público, muitas vezes em detrimento de critérios éticos e do rigor jornalístico.

Além disso, a análise permite refletir sobre a persistência histórica do sensacionalismo como recurso recorrente no jornalismo brasileiro, desde os periódicos europeus mencionados por Sousa (2008, p 80) até os programas policiais contemporâneos. A trajetória do *Cidade Alerta* mostra como esse tipo de formato se consolidou ao longo das décadas como um produto híbrido entre o jornalismo e o entretenimento, reforçando estigmas sociais, alimentando a cultura do medo e reduzindo temas complexos a narrativas simplificadas e emocionais. Por fim, ao observar os nove elementos centrais da prática sensacionalista elencados neste trabalho, compreende-se que o caso analisado extrapola a função informativa do jornalismo e adentra um campo em que a audiência se torna o principal motor das decisões editoriais. Tal constatação reforça a urgência de se repensar os limites entre jornalismo e espetáculo, sobretudo em um cenário de constante transformação nas formas de consumo de conteúdo informativo. Cabe à academia, aos profissionais da comunicação e à sociedade problematizar essas práticas e promover uma reflexão crítica sobre os impactos desse modelo de jornalismo na percepção pública da violência e na própria ética da profissão.

REFERÊNCIAS

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: imprensa sensacionalista - uma colaboração para o estudo do jornalismo, tendo como objeto de pesquisa o jornal Notícias Populares. 1993. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. Acesso em: 14 maio 2025.

BAND. **Caso Vitória**: suspeito agiu sozinho no assassinato da adolescente, diz delegado. Band, 18 mar. 2025. Disponível em: https://www.band.uol.com.br/noticias/caso-vitoriahttps://www.band.uol.com.br/noticias/caso-vitoria-suspeito-agiu-sozinho-no-assassinato-da-adolescente-diz-delegado-202503181143suspeito-agiu-sozinho-no-assassinato-da-adolescente-diz-delegado-202503181143. Acesso em: 2 maio 2025.

BORELLI, **Viviane. Jornalismo como atividade produtora de sentidos**. 2004. BOCC (Biblioteca online de Comunicação e Cultura). Disponível em: http://bocc.ufp.pt/pag/borellihttp://bocc.ufp.pt/pag/borelli-viviane-jornalismo-actividade-sentidos.pdfviviane-jornalismo-actividade-sentidos.pdf. Acesso em: 15 de abril de 2025.

CNN BRASIL. **Caso Vitória**: do sequestro à confissão, entenda como jovem foi morta. CNN Brasil, 18 mar. 2025. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/sp/casohttps://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/sp/caso-vitoria-do-sequestro-a-confissao-entenda-como-jovem-foi-morta/vitoria-do-sequestro-a-confissao-entenda-como-jovem-foi-morta/. Acesso em: 1 maio 2025.

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de ética dos jornalistas brasileiros.** Brasília: FENAJ, 2007. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdfcodigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 7 março 2025.

G1. **Caso Vitória**: MP conclui que principal acusado matou jovem sozinho e pede nova investigação para saber se outra pessoa o ajudou a ocultar corpo. G1, 29 abr. 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/04/29/caso-vitoria-mp-conclui-quehttps://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/04/29/caso-vitoria-mp-conclui-que-principal-acusado-matou-jovem-sozinho-e-pede-nova-investigacao-para-saber-se-outra-pessoa-o-ajudou-a-ocultar-corpo.ghtmlprincipal-acusado-matou-jovem-sozinho-e-pede-nova-investigacao-para-saber-se-outrahttps://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/04/29/caso-vitoria-mp-conclui-que-principal-acusado-matou-jovem-sozinho-e-pede-nova-investigacao-para-saber-se-outra-pessoa-o-ajudou-a-ocultar-corpo.ghtmlpessoa-o-ajudou-a-ocultar-corpo.ghtml. Acesso em: 1 maio 2025.

GUIMARÃES, Valéria. **Primórdios da história do sensacionalismo no Brasil**: os *faits divers* criminais. ArtCultura, v. 16, n. 29, 2014. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/34324. Acesso em: 9 março 2025.

INTERCOM. **O Sensacionalismo e a Função Social do Jornalismo Policial Maranhense**: Um Estudo do Programa Bandeira 2. Anais do Intercom Nordeste 2019, [s.l.], [s.n.], [s.d.]. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0522-1.pdf. Acesso em: 20 março 2025.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca**: guia de sobrevivência para jornalistas. São Paulo: Contexto, 2008. p. 78.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: o jornalismo como produção social da segunda natureza. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um Jornal Diário**. São Paulo: Contexto, 2002.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do Discurso de sedução em um jornal sensacionalista.** São Paulo: Annablume, 2001.

RECORD TV. **Caso Vitória**: novas imagens mostram últimos passos de adolescente desaparecida – *Cidade Alerta – 28/02/2025*. YouTube, 28 fev. 2025. Disponível em: https://youtu.be/zGtAxB_dQ7E?si=AlGeS7h7S3N9vqNP. Acesso em: 13 maio 2025.

RECORD TV. **Cidade Alerta**: novos áudios de Vitória revelam medo da adolescente – *04/03/2025*. YouTube, 4 mar. 2025. Disponível em: https://youtu.be/xCY28-LsqlI?si=QnEhttps://youtu.be/xCY28-LsqlI?si=QnE-IFg--pHx9TM2IFg--pHx9TM2. Acesso em: 13 maio 2025.

RECORD TV. **Confissão de Maicol**: Cidade Alerta tem acesso ao depoimento do acusado – *18/03/2025*. YouTube, 18 mar. 2025. Disponível em: https://youtu.be/cX4bYeTzKT4?si=qXQ9dKFq8--S3Y_A. Acesso em: 13 maio 2025.

SANTOS, Wellington Hanna; DOURADO, Jaliss. *O gatilho da audiência: uma reportagem sobre sensacionalismo no telejornalismo brasileiro*. Universidade Federal da Paraíba, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20206/1/DHPA19032021.pdf. Acesso em: 18 março 2025.

SILVA, Filipe Carreira da. **Espaço público em Habermas**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2001. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/22584/1/ICS_FCSilva_Espaco_LAN.pdf. Acesso em: 20 maio 2025.

SILVA, Juliana Felicio da. **Jornalismo popular e sensacionalismo** – dois conceitos em dois contextos: os jornais O Dia, Última Hora e Extra nos anos 1950 e 2000. 2007. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SILVEIRA, R. A. Michel Foucault. **Poder e análise das organizações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

WIKIPEDIA. **Cidade Alerta**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_Alerta. Acesso em: 21 abril 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela graça e misericórdia que me sustentaram até aqui. Cada passo, cada conquista, cada lágrima e cada vitória são d'Ele. E é para Ele que permaneço de pé, mesmo diante das dificuldades.

Aos meus pais, Antônio Carlos Adelino de Oliveira, pelo apoio durante a caminhada, e à minha mãe, Ana Paula Neves da Silva (in memoriam), minha maior incentivadora, que acreditou nos meus sonhos e sempre demonstrou orgulho por cada conquista. Sua ausência na reta final desta trajetória torna tudo mais difícil, mas sua presença permanece viva em mim e no meu esforço diário. Esse TCC também é dela. Mãe, eu consegui.

Agradeço, de forma especial, às pessoas que tornaram possível a realização deste sonho, me oferecendo não apenas apoio emocional, mas também suporte concreto para que eu pudesse continuar: minha madrinha, Marília Gabriela da Rocha Vital; minha avó, Maria José Adelino de Oliveira; e minha tia, Jailza Adelino de Oliveira. Vocês me sustentaram quando tudo parecia desabar. Obrigada por me manterem firme, mesmo quando eu já não via saída.

Ao meu noivo, Nicolas Fernando de Lima Silva, que caminha comigo desde o início dessa jornada, conhece de perto todas as lutas enfrentadas e nunca soltou a minha mão. Sua parceria e presença constante fizeram toda a diferença.

Aos professores que contribuíram para a minha formação acadêmica e pessoal, minha gratidão. Em especial, agradeço à minha orientadora e professora, Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra, que me acompanhou desde o começo com dedicação, paciência e incentivo, sendo um pilar fundamental nesta jornada.

Aos colegas de curso que estiveram ao meu lado e tornaram a caminhada mais leve e companheira: Ítalo Sena, Camila Ferreira, Larissa Oliveira e Ernanda Nóbrega, meu muito obrigada pela parceria e amizade. Por fim, agradeço a todos aqueles que, mesmo não citados aqui, fizeram parte dessa trajetória. Cada gesto, palavra e apoio foram essenciais.

Este trabalho é resultado de uma travessia cheia de fé, luta e amor. E se hoje estou aqui, é porque o Senhor foi comigo. Toda graça é d'Ele.